

ENTRE AUSÊNCIAS E SILENCIAMENTOS: SAÚDE DOS HOMENS E A (IN)VISIBILIDADE DA PNAISH NA ESCOLA

ENTRE AUSÊNCIAS E SILENCIAMENTOS: SAÚDE DOS HOMENS E A (IN)VISIBILIDADE DA PNAISH NA ESCOLA

Jorge Edielson Costa Gueiros¹

Jullyane Chagas Barboza Brasilino²

Fernando da Silva Cardoso³

Resumo: A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), instituída em 2009, propõe a intersectorialidade como princípio estruturante, porém sua inserção no campo educacional permanece limitada, especialmente no Agreste pernambucano. Este estudo teve como objetivo identificar barreiras e facilitadores para sua implementação em escolas públicas estaduais, a partir dos sentidos (co)construídos por jovens sobre masculinidades e saúde. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada no Construcionismo Social, que utilizou entrevistas narrativas com dez estudantes. Os resultados apontam que a ausência de articulação entre saúde e educação reforça silenciamentos, vulnerabilidades interseccionais e modelos hegemônicos de masculinidade, além de evidenciar barreiras éticas marcadas por quebra de sigilo, moralizações e desconfiança institucional. Por outro lado, práticas escolares que promovem o diálogo sobre sexualidades, religiosidades e negritudes mostram-se potentes para o cuidado e a promoção da

saúde. Conclui-se que a efetivação da PNAISH na educação exige uma abordagem interseccional, ética e crítica, capaz de reconhecer a escola como espaço estratégico para a produção de cuidado, justiça social e masculinidades mais saudáveis.

Palavras-chave: Saúde do homem; Masculinidades; Adolescente; Interdisciplinaridade; Educação.

Abstract: The National Policy for Comprehensive Men's Health Care (PNAISH), established in 2009, proposes intersectoral collaboration as a guiding principle. However, its integration into the educational field remains limited, particularly in the Agreste region of Pernambuco, Brazil. This study aimed to identify barriers and facilitators to its implementation in state public schools, based on the meanings (co)constructed by young people regarding masculinities and health. This qualitative study was grounded in Social Constructionism and employed narrative interviews with ten students. The

¹ Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Garanhuns. E-mail: jorge.ecosta@upe.br

² Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Garanhuns. E-mail: jullyane.brasilino@upe.br

³ Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Arcoverde. E-mail: fernando.cardoso@upe.br

findings indicate that the lack of coordination between the health and education sectors reinforces silencing, intersectional vulnerabilities, and hegemonic models of masculinity. They also reveal ethical barriers involving breaches of confidentiality, moralizing attitudes, and institutional distrust. Conversely, school practices that foster dialogue on sexualities, religious identities, and Black identities show considerable potential for health care and health

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

promotion. The study concludes that implementing PNAISH in educational settings requires an intersectional, ethical, and critical approach capable of recognizing schools as strategic spaces for fostering care, social justice, and healthier masculinities.

Keywords: Men's health; Masculinities; Adolescents; Interdisciplinarity; Education.

1. INTRODUÇÃO

A escola constitui-se como um espaço privilegiado de produção de subjetividades, saberes e práticas sociais, sendo também um território de disputas em torno de gênero, sexualidades e raça (Louro, 1997; 2000). Nesse contexto, políticas públicas como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) emergem como dispositivos que buscam regular, promover e qualificar o cuidado à população masculina. No entanto, conforme aponta Michel Foucault (2023), tais políticas também funcionam como estratégias biopolíticas, produzindo modos de governar a vida e os corpos.

Apesar de propor a intersectorialidade como princípio, a PNAISH apresenta fragilidades em sua inserção no campo educacional, especialmente no contexto do Agreste pernambucano. Essa ausência compromete a construção de práticas de cuidado voltadas às juventudes, categoria compreendida aqui como plural e atravessada por marcadores sociais diversos (Silva; Menezes, 2021).

Sob a lente do Construcionismo Social (Rasera; Spink, 2025), compreende-se que as políticas públicas são produções discursivas que refletem relações de poder, valores e práticas sociais. Assim, questiona-se: quais barreiras e facilitadores atravessam a implementação da PNAISH nas escolas públicas estaduais do Agreste pernambucano, a partir dos sentidos construídos por jovens sobre masculinidades e saúde?

Este estudo tem como objetivo identificar tais barreiras e facilitadores, contribuindo para o debate sobre práticas educativas em gênero e sexualidades, em consonância com o GT Educação, Gênero, Sexualidades e Questões Étnico-Raciais. Justifica-se pela necessidade de

compreender a escola como espaço que pode tanto (re)produzir quanto subverter violências simbólicas e institucionais, especialmente aquelas que inter cruzam marcadores sociais como raça, gênero e sexualidades.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise ancora-se no Construcionismo Social, que compreende a realidade como construída nas interações sociais e práticas discursivas (Rasera, 2020). Nesse sentido, políticas públicas como a PNAISH não são neutras, mas (re)produzem sentidos sobre saúde, masculinidades e práticas de cuidado.

A partir de Foucault (2023), entende-se a política como dispositivo biopolítico que regula corpos e práticas, enquanto Butler (2022) contribui ao afirmar que o gênero é performativo, produzido por normas reiteradas. Connell e Messerschmidt (2013) apontam para a existência de múltiplas masculinidades, organizadas hierarquicamente, sendo a masculinidade hegemônica um padrão normativo que exclui outras formas de existência.

A interseccionalidade (Akotirene, 2019) é mobilizada para compreender como marcadores como raça/cor, gênero e classe se articulam na produção das desigualdades. No campo da ética, a filosofia de Espinosa (2023) permite compreender que os encontros institucionais podem aumentar ou diminuir a potência dos sujeitos, sendo fundamentais para pensar o cuidado em saúde.

No âmbito educacional, autores como Seffner (2022) evidenciam que a norma atua no silêncio, sendo tensionada quando temas como sexualidades entram em cena. Já Bueno e Ribeiro (2018) destacam os desafios históricos da educação sexual no Brasil, marcada por resistências conservadoras.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, ancorada no Construcionismo Social, que compreende a produção de conhecimento como resultado de processos interacionais, discursivos e situados (Spink, 2010; Rasera; Spink 2025). Nesse sentido, privilegiou-se a compreensão dos sentidos (co)construídos pelos participantes em seus contextos cotidianos, especialmente no espaço escolar.

A pesquisa, que integra um recorte de uma dissertação desenvolvida em formato *multipaper*, foi realizada em escolas públicas estaduais do Agreste pernambucano, envolvendo dez jovens estudantes, com idades entre 15 e 18 anos. No que se refere aos marcadores sociais, participaram 4 jovens autodeclarados brancos, 4 pardos e 2 pretos; 7 residentes em áreas urbanas periféricas e 3 na zona rural; quanto à identidade de gênero, 9 se identificaram como homens cisgêneros e 1 como homem trans; e, em relação à orientação sexual, 7 se autodeclararam heterossexuais, 3 homossexuais e 1 bissexual. Esses marcadores foram considerados dimensões analíticas centrais, na perspectiva interseccional proposta por Akotirene (2019).

O percurso metodológico envolveu múltiplas técnicas de produção de dados. Foram realizadas observações *no* cotidiano escolar, registradas em diários de campo, permitindo mapear dinâmicas, interações e contextos que atravessam as experiências juvenis. Além disso, foram conduzidas entrevistas narrativas, compreendidas como dispositivos de produção de sentidos, nas quais os participantes puderam relatar suas experiências relacionadas à saúde, às masculinidades e às instituições (Spink, 2010).

A análise dos dados foi realizada a partir das práticas discursivas, buscando compreender como os sentidos são (co)produzidos nas entrevistas. Desse processo emergiram eixos analíticos que direcionaram a organização e interpretação dos resultados, a partir de mapas de associação de ideias.

No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa está vinculado ao projeto guarda-chuva intitulada “Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas Escolas: diálogos possíveis”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco (UPE), sob o CAAE nº 73164323.0.0000.0128 e parecer nº 6.454.374., seguindo as diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Foram utilizados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responsáveis legais, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os participantes menores de idade, além do Termo de Autorização para Uso de mídias para a audiogravação e posterior transcrição, para a análise das entrevistas. Garantiram-se o sigilo, o anonimato e o direito de desistência em todas as etapas da pesquisa, sendo adotados nomes fictícios escolhidos pelos interlocutores para preservar suas identidades.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise evidenciou três eixos centrais: No primeiro, observou-se que a ausência da PNAISH na escola contribui para a produção de vulnerabilidades, especialmente entre jovens negros, cujas experiências são atravessadas por desigualdades estruturais. Como aponta Akotirene (2019), a ausência de dados interseccionais compromete a formulação de políticas públicas eficazes.

No segundo eixo, emergem barreiras éticas no cuidado. Black (17 anos, branco, residente em área urbana periférica e homossexual) relata: *“ele contou o que eu não queria que ela soubesse”*, referindo-se à quebra de sigilo por um profissional. Essa experiência configura um “mau encontro” (Espinosa, 2023), diminuindo a confiança nos serviços e afastando o sujeito do cuidado. Medrado *et al.* (2025) reforçam que o acolhimento é uma tecnologia fundamental, ainda pouco efetivada nos serviços.

No terceiro eixo, identificam-se facilitadores no contexto escolar. Bryan (16 anos, pardo, morador da zona rural e heterossexual) afirma que seria importante *“uma pessoa que conversasse”* sobre sexualidades, indicando a necessidade de práticas educativas. Esses achados dialogam com Foucault (2023), ao apontar a sexualidade como campo de saber-poder, e com a PNAISH, que reconhece a vulnerabilidade de jovens homens a agravos de saúde.

Experiências que envolvem religiosidade e pertencimento étnico-racial também emergem como dispositivos de cuidado. Apollo (18 anos, pardo, gay e estudante de escola urbana) relata que sua religião de matriz africana foi fundamental para sustentá-lo em momentos de intenso sofrimento psíquico, evidenciando, em consonância com Costa (2014), o papel da religiosidade na construção de autoestima, resistência e afirmação identitária.

5. CONCLUSÃO

Os resultados demonstram que a ausência da PNAISH no campo educacional limita a promoção do cuidado integral às juventudes, reforçando vulnerabilidades e silenciamentos. Ao mesmo tempo, indicam que a escola possui potencial significativo como espaço de produção de cuidado, especialmente quando dialoga com práticas interseccionais, éticas e críticas.

Retomando o objetivo do estudo, conclui-se que as barreiras identificadas, éticas, institucionais e discursivas, coexistem com facilitadores que emergem no cotidiano escolar, indicando a necessidade de fortalecer a articulação entre saúde e educação.

Destaca-se a importância de investir em práticas educativas que promovam masculinidades saudáveis, diversidade e justiça social, reconhecendo a escola como espaço potente na construção de políticas públicas mais efetivas.

6. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p. (Coleção Feminismos Plurais). Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359)> Acesso em 01 fev. 2026

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 68 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_homem.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

BUENO, Rita Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA REFLEXÃO. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 49–56, 2018. DOI: 10.35919/rbsh.v29i1.41. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/41. Acesso em: 20 fev. 2026.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão Da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022, cap. 1 e 3.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, abr. 2013.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> . Acesso em: 08 fev. 2026

COSTA, Renilda Aparecida. A construção da identidade nacional brasileira e as religiões de matriz africana: implicações no processo de constituição da identidade étnico-racial dos negros no Brasil. **Revista TOMO**, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/3442/3006>> Acesso em 25 fev. 2026.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética: demonstrada em ordem geométrica**. Tradução de [Nome do Tradutor da edição Vozes 2023]. Petrópolis: Vozes, 2023. ISBN 978-65-5713-765-9. Parte III, IV e V.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. [S.l.]: Editora Paz e Terra, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MEDRADO, Benedito et al. Implementação da política de atenção à saúde do homem no Nordeste: dialogando com gestores, trabalhadores e usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) em Pernambuco, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 29, n. suppl 1, p.e240380, 2025. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/interface.240380> > Acesso em 10 jan. 2026.

SEFFNER, Fernando. Não há nada tão raro quanto o normal: o homem comum, a virilidade política e a norma em tempos conservadores. **Educação, gênero e sexualidade**, p. 234-267, 2022.

RASERA, Emerson Fernando. Construcionismo Social e Trabalho Comunitário: Conflito, Diálogo e Participação. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p. e219692, 2020.

RASERA, Emerson Fernando; SPINK, Mary Jane. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO CONSTRUCIONISTA SOCIAL NA OBRA DE KENNETH GERGEN. **Psicologia em Estudo**, v. 30, p. e59434, 2025. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pe/a/rVgKDvCyW5FwxLM5SNXnxsN/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 10 fev. 2026.

SILVA, Roseane Amorim da; MENEZES, Jaileila de Araújo. Jovens estudantes da periferia urbana de Garanhuns/PE: discursos relacionados à sexualidade. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 26, n. 1, p. 56-67, mar. 2021 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2021000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 fev. 2026.

SPINK, Mary Jane P. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.